

INSTRUÇÃO: As questões de números **01** a **03** tomam por base uma crônica de Fernando Pessoa (1888-1935).

Crônica da vida que passa

Às vezes, quando penso nos homens célebres, sinto por eles toda a tristeza da celebridade.

A celebridade é um plebeísmo. Por isso deve ferir uma alma delicada. É um plebeísmo porque estar em evidência, ser olhado por todos inflige a uma criatura delicada uma sensação de parentesco exterior com as criaturas que armam escândalo nas ruas, que gesticulam e falam alto nas praças. O homem que se torna célebre fica sem vida íntima: tornam-se de vidro as paredes de sua vida doméstica; é sempre como se fosse excessivo o seu traje; e aquelas suas mínimas ações — ridiculamente humanas às vezes — que ele quereria invisíveis, cômicas a lente da celebridade para espetaculosas pequenezes, com cuja evidência a sua alma se estraga ou se enfastia. É preciso ser muito grosseiro para se poder ser célebre à vontade.

Depois, além dum plebeísmo, a celebridade é uma contradição. Parecendo que dá valor e força às criaturas, apenas as desvaloriza e as enfraquece. Um homem de gênio desconhecido pode gozar a volúpia suave do contraste entre a sua obscuridade e o seu gênio; e pode, pensando que seria célebre se quisesse, medir o seu valor com a sua melhor medida, que é ele próprio. Mas, uma vez conhecido, não está mais na sua mão reverter à obscuridade. A celebridade é irreparável. Dela como do tempo, ninguém torna atrás ou se desdiz.

E é por isto que a celebridade é uma fraqueza também. Todo o homem que merece ser célebre sabe que não vale a pena sê-lo. Deixar-se ser célebre é uma fraqueza, uma concessão ao baixo-instinto, feminino ou selvagem, de querer dar nas vistas e nos ouvidos.

Penso às vezes nisto coloridamente. E aquela frase de que “homem de gênio desconhecido” é o mais belo de todos os destinos, torna-se-me inegável; parece-me que esse é não só o mais belo, mas o maior dos destinos.

(FERNANDO PESSOA. *Páginas íntimas e de auto-interpretação*. Lisboa: Edições Ática, [s.d.], p. 66-67.)

01

Na crônica apresentada, Fernando Pessoa atribui três características negativas à *celebridade*, descrevendo-as no segundo, terceiro e quarto parágrafos. Releia esses parágrafos e aponte os três substantivos empregados pelo poeta que sintetizam essas características negativas da *celebridade*.

Resolução

As três características negativas comentadas nos parágrafos apontados podem ser sintetizadas nos três substantivos que são os núcleos dos “tópicos frasais” ou frases introdutórias de cada um desses parágrafos: plebeísmo, contradição e fraqueza.

02

Considerando que os dicionários apontam diversas acepções para “obscuridade”, nem todas limitadas ao plano sensorial, verifique atentamente os empregos dessa palavra que Fernando Pessoa faz no terceiro parágrafo de sua crônica e, em seguida, identifique a acepção mobilizada pelo autor.

Resolução

Fernando Pessoa emprega o substantivo *obscuridade* em sentido figurado, como antônimo de celebridade, fama, designando com ele a condição de quem é desconhecido, ignorado.

03

Explique, com base no texto como um todo, a imagem empregada por Pessoa no segundo parágrafo: “tornam-se de vidro as paredes de sua vida doméstica”.

Resolução

A imagem das paredes de vidro sugere a ausência de privacidade a que a celebridade condena os seus “eleitos”, que devem suportar que mesmo os aspectos mais íntimos de sua vida – e especialmente estes – se tornem objeto de interesse geral e sejam esquadrihados de forma vulgar e rebaixante.

INSTRUÇÃO: As questões de números **04** a **07** se baseiam num soneto de Cruz e Sousa (1861-1898) e num trecho de uma carta de Mário de Andrade (1893-1945) a Manuel Bandeira (1886-1968).

Alma fatigada

Nem dormir nem morrer na fria Eternidade!
mas repousar um pouco e repousar um tanto,
os olhos enxugar das convulsões do pranto,
enxugar e sentir a ideal serenidade.

A graça do consolo e da tranqüilidade
de um céu de carinhoso e perfumado encanto,
mas sem nenhum carnal e mórbido quebranto,
sem o tédio senil da vã perpetuidade.

Um sonho lírical d’estrelas desoladas,
onde as almas febris, exaustas, fatigadas
possam se recordar e repousar tranqüilas!

Um descanso de Amor, de celestes miragens,
onde eu goze outra luz de místicas paisagens
e nunca mais pressinta o remexer de argilas!

(CRUZ E SOUSA. *Obra completa*. Rio de Janeiro:
Editora José Aguilar, 1961, p. 191-192.)

Carta a Manuel Bandeira, S.Paulo, 28-III-31

Manú,

bom-dia. Amanhã é domingo pé-de-cachimbo, e levarei sua carta, (isto é vou ainda rele-la pra ver si a posso levar tal como está, ou não podendo contarei) pra Alcantara com Lolita que também ficarão satisfeitos de saber que você já está mais fagueirinho e o acidente não terá consequencia nenhuma. Esse caso de você ter medo duma possível doença comprida e chupando lentamente o que tem de perceptível na gente, pro lado lá da morte, é mesmo um caso serio. Deve ser danado a gente morrer com lentidão, mas em todo caso sempre me parece inda, não mais danado, mas semvergonhamente pueril, a gente morrer de repente. Eu jamais que imagino na morte, creio que você sabe disso. Aboli a morte do mecanismo da minha vida e embora já esteja com meus trinteito anos, faço projetos pra daqui a dez anos, quinze, como si pra mim a morte não tivesse de “vim”... como todos pronunciam. A ideia da morte desfibra danadamente a atividade, dá logo vontade da gente deitar na cama e morrer, irrita. Aboli a noção de morte prá minha vida e tenho me dado bem regularmente com êsse pragmatismo inocente. Mas levado pela sua carta, não sei, mas acho que não me desagradava não me pôr em contacto com a morte, ver ela de perto, ter tempo pra botar os meus trabalhos do mundo em ordem que me satisfaça e diante da infalível vencedora, regularisar pra com Deus o que em mim sobrar de inútil pro mundo.

(MÁRIO DE ANDRADE. *Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1958, p. 269-270.)

04

Os dois textos apresentados focalizam, sob pontos de vista distintos, a relação entre a vida e a morte ou entre a vida e a eternidade. Releia atentamente o soneto de Cruz e Sousa e, partindo do pressuposto de que o Simbolismo brasileiro desenvolveu e ampliou algumas características do Romantismo, identifique no desenvolvimento do conteúdo do soneto, sobretudo no desejo manifestado nos últimos três versos, uma característica típica do Romantismo.

Resolução

O soneto de Cruz e Sousa exprime uma visão – ou idealização – da morte como descanso, serenidade e

superação do sofrimento. Trata-se, pois, de uma concepção “escapista” da morte, aparentada à concepção que se encontra nos poetas românticos brasileiros da Segunda Geração, como se exemplifica sobretudo na poesia de Álvares de Azevedo, especialmente no antológico poema “Lembrança de Morrer”.

05

Embora procure manifestar para seu amigo Manú (Manuel Bandeira) uma visão prática e uma preocupação maior com a vida, Mário de Andrade deixa escapar certa preocupação com a vida após a morte. Releia a carta e, a seguir, explique em que passagem se pode verificar essa preocupação.

Resolução

No final da carta, Mário de Andrade manifesta a preocupação de “regularisar” com Deus aquilo que tiver feito “de inútil pro mundo”. Ou seja, Mário considera como “pecados”, ou como falhas pelas quais deverá prestar contas, toda a sua ação ou produção que não apresente valor ou utilidade para a vida dos outros homens. Vemos confirmado, assim, e existencialmente ampliado, o conceito que ele tinha de seu trabalho de escritor, que encarava como um serviço ao país, à cidadania e em geral à humanidade.

06

Envolvido, como declara mais de uma vez em suas cartas, na criação de um discurso literário próprio, culto, mas com aproveitamentos de recursos e soluções da linguagem coloquial, Mário de Andrade apresenta nos textos de suas cartas soluções de ortografia, pontuação, variações coloquiais de vocábulos e de regência que podem surpreender um leitor desavisado. Escreve, por exemplo, no último período do trecho citado, “ver ela de perto”, tal como se usa coloquialmente. Aponte a forma que teria essa passagem em discurso formal, culto.

Resolução

Reescrita conforme as normas da linguagem escrita culta, “ver ela de perto” se transforma em “vê-la de perto”.

07

Tomando por base o soneto como um todo e considerando que Cruz e Sousa foi um poeta simbolista, aponte a relação de sentido que há entre os termos “carnal” (sétimo verso) e “argilas” (décimo-quarto verso).

Resolução

“Carnal” e “argilas” se referem ao mundo material, do qual a morte constituiria uma superação, já que ela consistiria na passagem para um plano espiritual

inteiramente alheio aos “quebrantos” da vida e às tribulações da realidade presa à lama (argila) deste mundo.

INSTRUÇÃO: As questões de números **08** a **10** tomam por base um fragmento de um poema de Alberto de Oliveira (1857-1937) e uma tira de Adão Iturrusgarai (1965-).

O que eu lhe dizia

Não sei se é certo ou não o que eu li outro dia,
Onde, já não me lembra, ó minha noiva amada:
— “A posse faz perder metade da valia
 À cousa desejada.”

Não sei se após haver saciado no meu peito,
Quando houver de possuir-te, esta ardente paixão,
Eu sentirei em mim, de gozo satisfeito,
 Menor o coração.

Sei que te amo, e a teus pés a minh'alma abatida
Beija humilde e feliz o grilhão que a tortura;
Sei que te amo, e este amor é toda a minha vida,
 Toda a minha ventura.

Talvez haja entre mim que os passos te acompanho,
E a abelha que a zumbir vai procurar a flor,
— Alma ou asas movendo — o mesmo fluido estranho,
 seja instinto ou amor;

Talvez o que eu presumo irradiação divina,
Minha nobre paixão, meu fervoroso afeto,
Por sua vez o sinta o verme da campina,
 O inseto ao pé do inseto...

(ALBERTO DE OLIVEIRA. *Poesias – segunda série* (1898-1903). Rio de Janeiro: H. Garnier, 1906, p. 20-21.)



(ADÃO ITURRUSGARAI, *O mundo maravilhoso de Adão Iturrusgarai*, www.adao.blog.uol.com.br/images/tira-pro-site.gif. Adaptado.)

08

No poema de Alberto de Oliveira, encontram-se reflexões sobre a natureza e a intensidade do amor. Particularmente na última estrofe apresentada, a consideração do amor como

“irradiação divina”, apesar da beleza poética, deixa entrever a existência de um preconceito do eu-poemático com relação à diferença entre o homem e outros animais. Aponte esse preconceito ou essa diferença de julgamento de valor.

Resolução

O que o enunciado denomina “um preconceito do eu-poemático com relação à diferença entre os homens e os outros animais” é, em verdade, um recurso retórico, presente na poesia de todos os tempos, que consiste em aproximar, metaforicamente, o homem e o animal. Intensivamente utilizado pelos autores realistas/naturalistas, esse recurso visa não a degradar o animal, mas a rebaixar o homem. É o que ocorre no caso. Ao aproximar a “irradiação divina”, a “nobre paixão” e o “fervoroso afeto” do comportamento instintivo da abelha e, na última estrofe, do comportamento do verme e do inseto, o poeta põe em dúvida a “elevação” do sentimento amoroso e estabelece uma oposição entre os altos ideais humanos e a realidade “biológica” do amor.

09

No terceiro verso da quarta estrofe, o eu-poemático escreve “o mesmo fluido estranho”. Considerando que o vocábulo “fluido” foi adequadamente empregado, explique por que o poeta não poderia ter usado a forma acentuada “fluído”.

Resolução

Fluido é substantivo e designa “algo que corre ou se expande como um líquido”. Fluído é particípio passado do verbo fluir e se usa como adjetivo com o sentido de “que fluuiu, manou, correu com abundância”. Portanto, justifica-se o emprego de fluido em razão do sentido que a palavra tem no texto, assim como do fato de ela vir qualificada por um adjetivo.

10

As tiras freqüentemente nos surpreendem pela profundidade das reflexões que provocam em sua síntese visual e lingüística. É o que ocorre na de Adão Iturrusgarai, que nos leva a refletir sobre as motivações dos desabafos da personagem. Embora pareça contraditória e inconseqüente sob o ponto de vista psicológico a atitude da personagem, no último quadrinho, de se declarar insatisfeita com a nova aparência obtida, podemos encontrar, numa releitura mais atenta da tira, uma causa objetiva para essa insatisfação. Aponte essa causa, levando em consideração o jogo de palavras que ocorre entre “aparência pessoal” e “aparência impessoal”.

Resolução

*A “causa objetiva” da insatisfação da personagem, após várias plásticas, é que ele substituiu uma **aparência***

*peçoal, que presumia feita ou desconforme com as suas aspirações, por uma **aparência impessoal**, padronizada, massificada, “estandardizada” por padrões pré-estabelecidos, que anulam a individualidade.*

REDAÇÃO

INSTRUÇÃO: Leia atentamente os seguintes fragmentos de textos.

1. Fragmento de conferência de Olavo Bilac (1865-1918) sobre a obra do poeta Bocage (1765-1805):

É tão fácil ser popular! terríveis assassinos, exímios ladrões, grandes devassos alcançam facilmente uma celebridade mais vasta do que a que logram os mais altos benfeitores da humanidade e os mais claros servidores da arte. Nem é preciso para ganhar notoriedade ser um chapado criminoso, nem um rematado louco; para subir ao galarim, não é necessário ser Nero, nem Eróstrato; a escalada para o fastígio não requer sublimidades de crueldade nem de megalomania: nem a carnificina de cem mil cristãos, nem o incêndio do templo de Diana. Para guindar um homem ao Capitólio, bastam tolices vulgares, extravagâncias jocosas ou escandalosas, e pequeninas infâmias (...).

(OLAVO BILAC. *Últimas conferências e discursos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1927, p. 84.)

2. Fragmento de entrevista do ator Pedro Cardoso (1962-) à revista *IstoéGENTE*:

IstoéGENTE – *Encontrou sucesso no teatro e ficou famoso na tevê. É bom ser famoso?*

Pedro Cardoso – Gosto do sucesso, não gosto da fama. Quando minha imagem está vinculada ao meu trabalho, não há problema. Do contrário, é incômodo para a individualidade. Tenho horror a área vip. Você já me viu em algum lugar? Não, né? Eu não vou. Compro ingresso, entro na fila, vou onde todos vão. É ridículo ir a lugares vip. Num país como o Brasil, é falta de educação.

(www.terra.com.br/istoegente/290/entrevista/index.htm. Acesso: 11.09.2007.)

3. Fragmento de crônica de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987):

Fama

Ninguém se espante com o diálogo que mantive com um bebê de 15 dias de existência. Hoje, a comunicação não conhece fronteiras espaciais ou etárias. O bebê não fala o português de Portugal nem o português brasileiro,

ensinado pelo saudoso professor Stanislaw Ponte Preta. Mas fala a seu modo, desde que se saiba interrogá-lo, e eu, não é por me gabar, tenho meus macetes. Perguntei-lhe de saída:

— Então, satisfeita de vir ao mundo?

Respondeu-me com rabugem, em termos que traduzirei assim:

— Como posso estar satisfeita, se ainda bem não cheguei a este lugar, já me televisionaram e estão me entrevistando?

— É a era tecnológico-aldeiglobal-consumística, minha querida. Desde o primeiro minuto de vida extra-uterina você participa da sociedade eletrônico-difusoro-cósmica ilimitada.

— É, estou vendo mas não acho graça nenhuma.

— Não é para achar graça nem desgraça, é para se integrar, entende? Você tem de aderir ao processo. O processo é irreversível. Melhor você não dar uma de contestadora, e entrar na jogada.

— Mas eu nem tive tempo de contestar, me botaram diante das câmaras, fechei os olhos para não me ofuscar com aquelas luzes, chorei em sinal de protesto, riram de mim, e agora, pelo que vejo, estou em todas.

— De fato. Seu índice de publicidade é um dos mais altos. Em duas semanas você varou o Brasil, fez concorrência a Elizabeth Taylor, aos terroristas palestinos e aos não palestinos, governos que caem, governos que sobem, técnicas de exorcismo...

— E daí? Pensa que o meu Ibope me dá prazer?

— Ibope não dá prazer. Dá dividendos. Você tem o futuro garantido, se for sempre dócil às exigências do sistema. Não deve bobear. Esteja sempre perto de uma objetiva, um gravador, uma passarela.

— Preferia viver a vida, com a sensação de ter uma vida realmente minha.

— Quem tem isso hoje em dia, meus-encantos? Só os loucos, isso mesmo apenas certos loucos, não marcados pela psicose de governar o mundo. Loucos mansos, vamos dizer assim. São raros, a maioria é agitada, e não só recebe a influência da comunicação delirante como, por sua vez, influi sobre esta, aumentando-lhe o delírio. De sorte que é bom você renunciar ao ideal individualista e anacrônico. Vida particular da gente já era. Agora vivemos a vida dos outros, em bloco, ou melhor, a de ninguém.

(CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE. *De notícias & não notícias faz-se a crônica – histórias, diálogos, divagações*. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1975, p. 133-134.)

4. Fragmento de fala do *velho do Restelo*, do canto IV de *Os Lusíadas* de Luís de Camões (1525-1580):

“Ó glória de mandar! Ó vã cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos Fama!
Ó fraudulento gosto, que se atiaça
C’uma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles exp’rimentas!”

(LUÍS DE CAMÕES. *Os Lusíadas*, canto IV, 95.)

Proposição

Celebridade, renome, nomeada, notoriedade, conceito, reputação, prestígio, glória, fama. São numerosas as palavras para rotular um mesmo *status* social: ser conhecido, ser reconhecido, ter nome, ter renome, ter nomeada, ter prestígio, ter glória, ser célebre, ser famoso, ser glorioso, ser conhecido por todas as pessoas no mundo todo. Os artistas antigos representavam alegoricamente a Fama como uma deusa dotada de cem bocas e cem orelhas, com olhos que surgiam por baixo de suas asas. Consta que o obscuro efésio Eróstrato, no afã de immortalizar seu nome, incendiou em 356 a.C. o grande templo de Ártemis, considerado uma das maravilhas do mundo antigo. Mas é preciso buscar a fama a qualquer custo? É vital para um homem ser conhecido/reconhecido por todos? Artistas, atletas, escritores, pensadores, intelectuais de modo geral não têm a mesma resposta para essas indagações. Tomando por base o texto das questões 01 a 03, bem como os fragmentos apresentados acima, tente dar a sua resposta, fazendo uma redação em prosa, de gênero *dissertativo*, sobre o tema

É PRECISO SER FAMOSO?

Comentário à proposta de Redação

“É preciso ser famoso?” — perguntou a Unesp ao candidato, que deveria responder a essa e a outras questões em uma dissertação. Perguntou-se ainda: “É vital para um homem ser conhecido/reconhecido por todos?”. Reconhecendo que nem todos partilham da mesma opinião sobre essa questão, a Banca Examinadora ofereceu, como base para a produção do vestibulando, quatro fragmentos que compuseram o tema da prova de Redação, além de uma crônica do escritor Fernando Pessoa, utilizada em questões de Língua Portuguesa. Como sempre ocorre nos exames da Unesp, o maior desafio que se apresentou ao candidato foi o de selecionar, dentre todas as idéias e informações contidas nos textos-estímulo, aquelas que ele julgasse relevantes à sua análise.

Embora tenha predominado, nos textos de apoio, uma idéia depreciativa acerca da fama, o candidato deveria tomar essas opiniões como balizadoras da discussão, e não como uma imposição. Cabe observar que quanto mais espontâneo o estudante se revelasse, melhores chances haveria de elaborar um texto convincente, bem fundamentado. Antes, porém, de expor o próprio ponto de vista sobre o tema, caberia constatar, a exemplo da crônica de Drummond (Fama), a irreversibilidade do processo de “absorção” pelo torvelinho da fama numa “era tecnológico-aldeiglobal-consumística”. Assim, preservar a individualidade e resistir aos apelos de um mundo que julga as pessoas segundo critérios de prestígio, glória, renome, demandaria um grande esforço que a maioria não se tem mostrado disposta a empreender. Mas o candidato poderia negar essas imposições, e valer-se de argumentos que contestassem a necessidade de ser famoso. Para tanto, seria apropriado relativizar o valor da fama, descrita por Olavo Bilac como um “fastígio” que “não requer sublimidades de crueldade nem de megalomania”, bastando, para alcançá-la, “tolices vulgares, extravagâncias jocosas ou escandalosas, e pequeninas infâmias”. A pertinência dessa afirmação se evidenciaria pelos sucessivos surgimento e desaparecimento de celebridades, cujo talento em geral se resume à determinação de esforçar-se numa academia — de ginástica — ou a engravidar de um esportista ou artista famoso. Assim, responder à pergunta formulada pela Banca da Unesp deve ter representado, para o candidato bem informado e dotado de senso crítico, uma agradável oportunidade de exercitar suas habilidades. Louvável, portanto, a iniciativa de propor tema tão interessante, atual e polêmico.

COMENTÁRIO

A Unesp mantém inalterado, na forma e no conteúdo, o padrão de vestibular que se consolidou ao longo do tempo, no que tem de positivo e, em aspectos menores, de negativo. Começamos pelos últimos, especialmente pelo que se tornou quase um cacoete da Banca Examinadora — os enunciados longos, desnecessariamente prolixos, que podem induzir o candidato a equivocar-se e, algumas vezes, incorrem em imprecisões conceituais e terminológicas. Com essas ressalvas, é uma prova equilibrada, abrangendo variáveis graus de dificuldade, com textos representativos de diversos registros lingüísticos, do coloquial ao culto, apta por isso a selecionar bem e a premiar os candidatos mais maduros.